



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Assignaturas

Numero 190

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Para de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

REPUBLICANOS

Os acontecimentos de Coimbra deviam ter mostrado aos republicanos, mais uma vez, a necessidade imperiosa de se fortalecerem. Não fazem nada. Nós bem o sabemos. Mas nem por isso deixaremos de os exortar.

Antes do 31 de janeiro foi a nossa voz a unica a erguer-se para apontar os perigos e prevêr os desastres. Fômos nós o unico a dizer-lhes que não confiassem cegamente no exercito; que não havia convicções republicanas entre os officiaes; que, com convicções ou sem ellas, esses homens hesitavam muito antes de se resolverem, hesitações que só os insensatos não comprehendiam, mas hesitações, em todo o caso, que produziriam um mallogro necessario se precipitassem os acontecimentos, porque quando esperassem encontrar dez não encontrariam um; que em cima d'esse mallogro se tornaria forte a monarchia para fechar clubs, supprimir jornaes, afogar, emfim todas as regalias, todas as immnidades, todas as liberdades publicas.

Assim foi. Dissémos-lhe isso uma vez, duas vezes, cem vezes. Pois ainda nos chamaram doido, por cima. Os ajuizados, está claro, eram elles!

Chamaram-nos doido, alguns; outros chamaram-nos traidor. Também se viu que os patriotas e os honrados eram elles. Eram, eram! Honrados e patriotas a valer.

Eram, eram! Bem se viu. Referimo-nos, é claro, aos paratatas que se diziam dirigentes e não á grande massa dos republicanos do paiz.

Foi a nossa voz a unica a erguer-se pedindo serenidade e prudencia, mostrando o abyssmo profundo aonde a insensatez os iria arremessar. Não nos quizeram ouvir e lá foram parar ao charco. Porque a verdade é que tudo quanto se está fazendo é a natural consequencia do 31 de janeiro. D'ali deriva todo o mal. Unicamente d'ali.

Querem voltar a ser alguma coisa? Não voltam. Por enquanto é cedo. E é cedo, não porque os acontecimentos não sejam de natureza a ajudar fortemente a constituição de um partido revolucionario, mas porque são os mesmos ainda os imbecis que fizeram naufragar miseravelmente a causa republicana em Portugal. E' por isso que não voltam a ser coisa nenhuma. Mas, supponhamos: querem voltar a ser alguma coisa?

Então mudem de processos. Não é com berreiros asiaticos que se fazem revoluções. Pensem e trabalhem. A maioria da gente

portugueza não pensa, nem trabalha. No emtanto, ainda ha quem pense, ainda ha quem trabalhe e na mão d'essa pequena minoria está uma grande força, porque ainda se não descobriu força superior á da intelligencia.

Ponham de parte, de uma vez para sempre, os especuladores e os imbecis, mas os imbecis sobretudo. Ai, praga maldita!

Os especuladores tambem são maus. Mas d'esses livra-se a gente com mais facilidade. Compromettem-se, descobrem-se, escorregam, cahem. Mas os imbecis, os imbecis honestos! Esses são terriveis, agarrados á sua honestidade.

Um tratante esperto, ou faz bom jogo para todos para fazer bom jogo para elle, ou precipita-se e descobre-se partindo as pernas. Mas o imbecil honesto, com a força da sua honestidade, inatacavel dentro d'ella, é um horror. Sendo honestos, chegam, com a sua imbecilidade, a ser o esteio mais forte da especulação hypocrita.

Ponham de parte o maior numero possivel de especuladores e imbecis e andem para deante. E deixem-se de declamações, de sentimentalidades ridiculas, de intransigencias estupidas.

Conservem os principios intangiveis, mas sem deixarem de jogar com a occasião. Aproveitem-se d'ella. Se d'ella poderem tirar muito, tirem muito. Se poderem tirar pouco, tirem pouco. Mas tirem sempre alguma coisa. Imponham-se ao paiz, ao paiz que sabe, ao paiz que pensa, como homens capazes de alguma coisa e não como os declamadores banaes, os patetinhas que teem sido até hoje.

Os tempos do noivado do sepulchro já lá vão. E a verdade é que os nossos chefes republicanos, mais ou menos, ainda os melhores, ficaram quasi todos crystallizados no noivado do sepulchro.

Desenganem-se. O Portugal de hoje já não é bem o Portugal de 1880 e nem sequer o de 1890.

Se conseguirem desenganar-se, poderão fazer alguma coisa. Se não, — que é o mais certo — continuarão impotentes e ridiculos.

O crime, por mais que se esconda, tem lume do inferno que fumeja sempre.

CAMILLO.

Providencias

Pedimos ao digno commandante da reserva que providencie de fórma a não mais patentear em ao publico as improvisadas enfermarias que os soldados costumam expôr no largo do Rocio e em frente do abarracamento da feira.

Quem vier cá, e desconheça a terra, ha de dizer que os d'Aveiro teem o hospital no meio da rua.

O ESPARTA

Protestamos vivamente contra a injustiça commettida com o *Esparta*. Fômos nós o unico a felicita-lo pelas provas que deu, de abnegação, de isenção, de imparcialidade, propondo para juizes substitutos os srs. dr. Alvaro de Moura e Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Nem Jayme de Magalhães Lima se dignou felicitar o seu amigo na papeleta dos francecos!

Jayme de Magalhães mostrou mais uma vez o seu espirito mesquinho. Vê-nos a nós, que somos inimigos irreconciliaveis do *Esparta*, prestar homenagem á imparcialidade, n'uma unica vez que ella se manifestou, e elle fica silencioso só porque os nomeados são seus adversarios pessoais e politicos.

Tal é o homemsinho!

Pois não importa.

Continue Jayme de Magalhães Lima a dar demonstrações da sua mesquinhez, que nós continuaremos tambem a fazer justiça a quem a mereça.

Francisco Antonio Pinto, conhecido pelo *Esparta*, cognome, aliás, honroso, deu provas da maior independencia, da mais assignalada justiça propondo juizes substitutos os srs. dr. Alvaro de Moura e Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Viva o *Esparta*!

Viva!

A religião apodera-se do homem no inicio da vida; acompanha-o obstinadamente pela existencia fóra, logrando-o até a morte.

MAX NORDAU.

Era justo

Os srs. José Marcos de Carvalho, João Ferreira Lau, João Nunes da Maia, José dos Santos Gammellas, João da Silva Junior e Isaias Augusto de Albuquerque, comissionados pela direcção da Associação dos Constructores Civis e Artes Correlativas, solicitaram e obtiveram permissão dos srs. presidentes da camara, empreiteiros, mestres d'obras e industrias para que o respectivo pessoal operario dê, de futuro, começo aos seus trabalhos, desde o dia 1.º de abril a 30 de setembro, ás 6 horas da manhã.

Sabemos que a comissão está muito grata para com aquelles senhores a quem dirigiram o seu appello e que da melhor vontade accederam ás suas justas pretensões.

Esta comissão renne hoje, pela 1 hora da tarde, na sede da Associação, para dar conta da sua incumbencia á assembleia geral.

— Ha homens-insectos destinados a pungir, importunar e incommodar os outros homens.

Cartas d'Algures

26 DE MARÇO.

Tenho promettido por mais do que uma vez escrever estas cartas com regularidade e tenho faltado sempre. Falta-me o tempo e, porque não hei de dizer a verdade toda? tambem me tem faltado a vontade.

No meio de tanta porcaria o enthusiasmo diminui e extingue-se. Eu era dos mais entusiastas. Pois, francamente, sinto que o vou perdendo. Talvez seja uma coisa momentanea. Talvez. Mas tambem pôde ser uma coisa definitiva. Não sei bem ainda.

E é preciso ser-se um pouco estúpido para se não sentir o que eu estou sentindo ha tempo. Não serei muito atilado. Mas tambem não sou bruto de todo. E para quem não fôr inteiramente bruto o espectáculo das coisas portuguezas é verdadeiramente desanimador. Chega a gente a certa altura e convence-se de que isto já não tem remedio ou que fraco remedio terá.

Áparte o pessimismo. Não sou pessimista. Rendo-me, apenas, á evidencia dos factos.

E' um dever lutar? E'. Reconheço-o. Por dever, só por dever, lucto eu ha muito tempo, sem deixar de alimentar um bocadinho de esperanza. Um bocadinho, só um bocadinho. Mas emquanto houver uma probabilidade, uma só que seja, o caminho traçado é o da lucta. No emtanto, quando as probabilidades não são muitas a gente cança-se, e ha momentos em que pergunta a si proprio se, realmente, valerá a pena lutar.

Eu estou um pouco n'esse estado d'alma.

Ora vejam como as coisas são: para muita gente foram animadores os acontecimentos de Coimbra e a mim ainda me desanimaram mais. E' certo que o povo demonstrou um certo espirito de resistencia que bem aproveitado poderia ser uma garantia. Mas quem o aproveita? Quem o sabe aproveitar? Ali é que está o mal.

O povo reage. Em lhe chegando a fome, atira com a *albarda ao ar*. Mas o povo está tão atrozado que não é, por si, capaz de coisa alguma que vá além das desordens, dos motins. Quem ha de fazer o resto? Quem, se as classes dirigentes, além de ignorantes, teem habitos de tal fórma viciosos que as tornam incapazes da obra de regeneração que o paiz reclama?

Isto é um horror. Ha duas horas conversava eu com um militar que é, ao mesmo tempo, alumno d'uma escola superior. Que boas intenções, que elle demonstrava! Mas, ao mesmo tempo, que desorientação, que dislates!

E é tudo assim. São de uma cultura muito restricta. Teem uma educação muito incompleta. Sabem mathematica, medicina ou direito. O direito das nossas escolas, é claro, que é uma especie de direito-torto. Mas não sabem mais nada. Mas tudo quanto veem é visto com confusão ou falsidade.

O que se ha de fazer de um povo com dirigentes de tal ordem?

O que se passou em Coimbra foi horroroso. Note-se: eu sei apenas o que dizem os jornaes. Não sei mais nada. Mentem os jornaes? Falam verdade? Ou mentindo, ou falando verdade, o que elles disseram foi d'um grande ensinamento. Mentiram, não ha duvida. Mentiras que se viam mesmo longe de Coimbra. Não era preciso estar em Coimbra para as reconhecer. Bastava lê-los. Mentiras monstruosas! Mas n'essas mesmas mentiras se viu o caracter portuguez, irreflectido, leviano, sem escrupulos. Para encher o jornal, para entreter a curiosidade dos leitores, tudo servia. Ouviase estoirar uma bomba de pataco e telegraphava-se logo que era uma descarga de fuzilaria. Dizia-se que tinham morrido seis pessoas e não se averiguava se eram seis ou se eram duas. Viase um muro cahido e impingia-se o muro como barreira atirada de proposito para cima das tropas. Os viajantes, que passavam na linha ferrea, esses iam dizer para o Porto coisas phantasticas.

E assim todos e em tudo. Não eram só os jornalistas nos seus jornaes. Eram todos a mesma coisa, em tudo. Jornalistas e não jornalistas.

Pois o que demonstra isso senão a falta de caracter d'este povo, apregoadado sempre como ingenuo, como manso, como brando de costumes, sendo o mais barbaro e o mais selvagem que se pôde imaginar, sem lhe faltar a respectiva dóse de velleacaria?

Se apanhavam os soldados a geito, era pedrada que servia. Pois se era sentinella isolada? Não a matavam porque não podiam. Depois fulavam pomposamente no povo, no povo irresponsavel, no povo victima, como se os soldados, como se as pobres sentinellas isoladas não fossem tambem povo, povo irresponsavel, povo victima, e bem victima.

Os militares, pelo seu lado, tambem não estavam com meias medidas. Ainda as pedras vinham no ar e já muitos d'elles se preparavam para fazer fogo, fogo ao monte, fogo que apanhava criminosos e innocentes, que varava homens e creanças, que podia matar dois ou duzentos, fogo com ordem ou sem ordem, com muita necessidade ou com pouca.

Pois o que demonstra isto, repito, senão que o povo portuguez é, d'alto abaixo, de politicos

escrupulos, sem educação civica, desatinado, selvagem, ou use farla ou use japona?

Ora vejam o que eu leio hoje, de chapas, em todos os jornaes: que se exhumou no cemiterio da Canehada o cadaver de uma das victimas porque o director da morgue, que a tinha autopsiado, declarára que a morte proviera d'um golpe de sabre, ao passo que outros sustentavam que a morte resultára d'um tiro d'espingarda. E exhumado o cadaver, e autopsiado, reconheceu-se que, realmente, o homem morrera d'um tiro, porque lá tinha a bala que o matou.

Digam lá se este paiz não está, todo elle, a pedir misericordia.

Digam lá se este paiz não está, todo elle, a pedir misericordia.

P. S. — Vejam se não deixam sahir tantas gualhas como de costume.

A. B. — As vezes é de mais.

Hoje em dia, para muita gente, o antigo texto da Biblia é assim: Ganhara's o teu paõ com o suor do rosto dos outros.

Exposição portugueza na Feira de Março

No largo da Feira de Março está installada, ha alguns dias, uma bella e instructiva distracção. Exposição "Portugueza se denomina; e, em verdade, é uma esplendida exposição, que o visitante, pela modica quantia de 40 réis pôde gozar o mais commodamente possível.

Dizemos do caso como quem, por 40 réis, já passou uma agradável meia-hora — vendo atravessar diante do seu olhar curioso muitas das grandes maravilhas do mundo.

Vão ver também, e não darão por mal empregado o tempo e o dinheiro gastos.

Hoje está em exposição a arriscada viagem em balão ao Polo Norte, pelo explorador Andréa, de que lhe resultou uma morte desastrosissima no alto mar, constando de 15 clichés.

Barcelona: Couraçado Castilla; visita da rainha á esquadra. — Campo Grande (Lisboa): a feira de gado. — Santarem: Ponte sobre o Tejo. — Madrid: Palácio das côrtes. — Feira Franca: Costumes arábicos, o director da troupe; a dança do batuque; a dança do ventre; os bazares. — Rio Tejo: Escatar a vapor, etc., etc.

Esta exposição tem icada no topo da barraca a Bandeira Portugueza.

O excellentissimo senhor Matoso folga hoje.

Damos a s. ex.ª essa boa novidade.

Chica e Myareta tambem passam incólumes.

Para outra vez será.

Ha de ser quando nós quizermos.

Novo edificio do Monte-Pio

O Diario do Governo, de antontem, publicou uma portaria auctorisando a Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas a adquirir um predio na rua de Santa Catharina.

Esta predio, que é um antigo pardieiro, já ha tempo foi contratado para ser ali construido o edificio para a sua installação.

O nosso collega Districto de Bragança, entrou no segundo anno de publicação. É um jornal muito bem redigido. As nossas felicitações.

PULHAS

A garotada, que manobra ás ordens de Jayme de Magalhães Lima, querendo desmentir o que nós aqui dissémos, comparando a greve de Coimbra com a de Aveiro, escreve que no dia 13 os populares assaltaram uma loja que abriu n'aquella cidade.

Pois fizeram muito bem, safadissimos pulhas. A greve em Coimbra era geral. O commercio fechou as suas portas depois de o ter resolvido em reunião de classe. Abriu um? Era legitimo que os outros tirassem represalias.

Mas resolveu o commercio de Aveiro fechar as suas portas, por ventura, quando foi da greve do repolho? Houve greve geral n'esta cidade, como em Coimbra?

Arre, malandros!

No dia 13 já em Coimbra se tinham dado os fustigamentos. Foi ás 4 horas da tarde do dia 12 que caliram mortos dois populares na rua de Monte Arroio. No dia 13 impunha-se, mais do que nunca, o espirito de solidariedade entre os grevistas. Todas as tentativas para quebrar essa solidariedade eram criminosas, eram repugnantes. Tem alguma comparação, isso, com o que succedeu em Aveiro?

Arre, pulhas!

E nem mesmo assim, nem mesmo sendo a greve geral em Coimbra, nem mesmo impondo-se no dia 13 o mais intimo espirito de solidariedade, se commetteram n'aquella terra, contra os negociantes que faltaram ao compromisso tomado, os attentados que se commetteram em Aveiro contra os negociantes que não traziam compromisso nenhum.

Esta garotada franceza, que manobra ás ordens de Jayme de Magalhães Lima, é, decididamente, a coisa mais réles que se tem visto.

THEATRO AVEIRENSE

Realisaram-se, no penultimo sabbado e quarta-feira as duas récitas annunciadas em beneficio do cofre da corporação dos Bombeiros Voluntarios, d'esta cidade, com a excellente operetta — O Beijo da Baronesa — producção do intelligente capitão de infantaria 24, sr. D. Miguel d'Alarcão.

O desempenho foi correctissimo por parte das sr.ªs D. Olivia d'Alarcão, D. Maria d'Alarcão, e dos srs. Manuel Moreira, Elysió Feyo e Alfredo Martins.

Os côros, muito afinados, eram d'um realce magnifico.

Quasi todos os números da bella musica foram repetidas vezes bisados, e chamados ao proscenio os diversos personagens e coristas, os auctores da operetta e da musica srs. D. Miguel d'Alarcão, Dias Costa, Macêdo, o ensaiador sr. Duarte Silva e o habil regente, da orchestra sr. João Pinto de Miranda, que foram alvo de estrondosas ovações.

Foram duas noites cheias de entusiasmo e contentamento para o grande auditorio que enchia as plateias, frizas e camarotes.

Certos animaes pôdem ser considerados incontestavelmente, como serviços nossos; prestamos serviços, e n'elles se ostentam as classicas virtudes de docura, obediencia, dedicação, fidelidade, honestidade. Porquã não gosarão elles emfim das fraças vantagens peculiares á sua humilde situação social?

A. NEYRAT.

O analfabetismo

EXERCITO

As Navidades publicam outra carta do sr. Homem Christo, carta que persuadimos a transcrever.

Sr. redactor. — Foram 44 os soldados que frequentaram, este anno, o 1.º curso da escola regimental na minha companhia. D'esses, 18 eram analfabetos; um conhecia o alfabeto e juntava as ettras, mas muito mal; 13 não escreviam nem contavam e apenas liam com difficuldade; um lia e escrevia com algum desembaraço, mas ignorava completamente as quatro operações; 11 liam, escreviam e contavam fôcos.

Como os nossos habitos de mentira e de fraude andam muito inveterados, é preciso sujeitar os homens a um exame rigoroso para se averiguar, com exactidão, do estado das suas habilitações.

Porque não sei se v. sabe que até o saber ler é contrabando, n'este paiz de contrabandistas, ou de candongueiros, para falarmos com maior propriedade. Saber ler e ter officio.

Quem sabe ler paga, na vida militar, maior tributo; quem tem officio, tambem.

E então não ha remedio senão furtar uma coisa e outra aos direitos.

Quem sabe ler é logo agarrado para cabos e aos cabos, n'alguns regimentos, nega se licença registada. Quando não lhe negam em absoluto, sujeitam-nos a um rateio muito apertado, porque os cabos são indispensaveis em varios empregos.

Quem tem officio é impedido nas obras e officinas dos quartéis, e fica, tambem, com menos licenças registadas, ou é mandado para Mafra, ou transferido para outros regimentos, o que agrava, sobremodo, a situação.

Os homens sabem isto, em geral, sabem-no ainda nas aldeias, de fórma que escondem, cuidadosamente, as habilitações litterarias e os officios. Só o não fazem aquellas que desconhecem as manhas dos quartéis, que são variadas e numerosissimas.

Carpinteiros e pedreiros, sabendo bem do seu officio, apparecem como trabalhadores ou jornaleiros nas folhas de registro.

Até n'isto ha contrabando. Mas contrabando, aqui, justificado, diga-se a verdade, porque todos nós sabemos como o merito é recompensado em Portugal.

O merito, só por si, quando não seja bem apadrinhado, ou é inteiramente inutil para quem o possui, ou é o encargo mais pesado que pôde recahir sobre o pobre cidadão. Quando não o desprezam, ou o hostilizam por invejas, por despeitos, pelo ranco selvagem da mediocridade ou da rotina, ou exigem d'elle tudo, em exigencias brutaes, a pontapés. Recompensas, não ha. Nem recompensas, nem sequer, considerações de qualquer ordem.

Infelizmente, esta verdade entrou no espirito de todos os portuguezes, desde o mais alto até ao mais humilde.

Poucos, pouquissimos são aquelles que reagem contra esse habito terrivel, que se traduz n'uma verdadeira iniquidade social. A grande maioria limita-se a protestar pela resistencia passiva, a mais desmoralisadora, a mais finesta de todas as resistencias. Não trabalha, não produz, ou trabalha sem vontade, só por necessidade extrema ou por receio do castigo, trabalho improductivo, contraproducente, ou produzindo muito menos do que poderia produzir.

Procedi, pois, a um exame rigoroso, para averiguar, com exactidão, do estado das habilitações litterarias dos recrutas.

Muito embrutecidos. Cheguei a pensar que os aldeões d'esta região estariam um pouco acima dos aldeões do interior da Beira. Não estão! Physicamente e intellectualmente estão muito abutidos. O aldeão da Beira está longe de ter a saude e a robustez, que os poetas apregoam. E por quê? Entendo eu, agora aqui, a maior parte d'essa gente que dispõe de nós, sabendo pouco do que vale pelo paiz.

O aldeão da Beira está enfraquecido. O da Beira Baixa, o que eu conheci em Almeida e Pinhel, esse chega mesmo a assustar. Passa fome e a fome vai-o aniquilando. Sim, passa fome. Não ha exaggero algum n'esta minha affirmacão.

O da Beira Alta tambem passa privações. A vida torna-se-lhe, dia a dia, mais difficil. E vejo, agora aqui, que assim vai succedendo por todo o paiz.

O recruta do 23 é fraco. Fraco de corpo e de espirito.

O que tem graça é que reconhecendo, todos, que a raça definhava, e lançando se, já, aos quatro ventos, a necessidade de a regenerar physicamente, desdenha-se das tentativas de rejuvenescimento intellectual, como se uma coisa não andasse intimamente ligada com a outra.

Não ha duvida que a primeira condição de superioridade, n'uma raça, é a saude e a força. A inferioridade physiologica acarreta, cedo ou tarde, a inferioridade psychologica. Portanto, educar physicamente, ganhar por essa educação, é obra de progresso, de patriotismo, de humanidade. Mas educar physicamente é educar intellectualmente, em parte, por isso que a gymnastica, sob qualquer aspecto que se encare, vivificando os musculos vivifica a intelligencia, inflando de maneira salutar na energia e na vontade, sobretudo. Influencia que se completa pela instrucção, pela cultura.

Educar physicamente, sem instruir, não basta. A educação physica prepara. A educação moral e intellectual completam. E a instrucção entra intimamente na educação. Os inglezes comprehendem-no tão bem que, como nota Leclerc, tem uma só palavra: education, para significar instrucção e educação, e ou se trate de educação physica, ou de educação intellectual, ou da educação moral, que andam, para elles, sempre unidas.

Ahi, no paiz dos grandes exercicios physicos, o grito de alarme, como o dizia, ha dias, no parlamento, o illustre official do exercito e professor da Universidade de Coimbra, o sr. Luciano Pereira da Silva, ahi, o grito de alarme é: educate, educate, educate, or perish! Ensinar ou morrer!

Em Portugal, ao mesmo tempo que se advoga a necessidade da gymnastica no exercito, não falta quem entenda que o soldado não precisa de instrucção.

Triste incoherencia!

Nós não somos professores de instrucção primaria! exclama-se.

Fora professores de gymnastica, tambem não.

A instrucção primaria ensina-se em escolas especiaes! diz se.

E a gymnastica tambem!

Porque lhe ensinam então gymnastica?

E a incoherencia que se manifesta em tudo e por tudo, na vida portugueza.

Incoherencia que é filha d'essa mesma ignorancia, que tanto importa combater. Porque a ignorancia não é só dos analfabetos. Infelizmente, é tambem das classes dirigentes.

E escusam de procurar n'outra parte, que o centro que nos rob, que nos mata, é essa, sobre todos e sobretudo.

Sim, sim, o mal, o grande mal, é a profunda ignorancia em que vegeta a sociedade portugueza.

E se v. me der licença, eu continuarei a escrever, com a maior consideração.

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

ção por um acto de delicadeza a fechar os olhos. Outros, porém, que sabiam que era expressamente prohibido, não se fizeram acompanhar por quem desejavam, mas ao depararem nas pessoas estranhas que tinham viado com outros socios, vieram abaixo ao atrio, e fizeram um barulho de ensurdecer.

A direcção não teve culpa alguma, porque ella usou apenas com delicadeza para com os socios que não souberam cumprir com os seus deveres. Agora o que ella nunca devia ter consentido, era que os socios se lhes dirigissem em pleno atrio, exigindo-lhe explicações, em termos impropios, que só são permittidos, moderadamente, no gabinete da direcção.

Diz o correspondente de Lisboa para o nosso collega local Progresso de Aveiro, que vão ser transferidos mutuamente, e a seu contento, os srs. directores das obras publicas d'Aveiro e Coimbra; e que foi collocado, a seu pedido, no districto do Porto o sr. Seraphim, Santa Clara d'Assumpção, inspector dos impostos n'este districto, sendo nomeado para o substituir o sr. Jacintho Agapito Rebocho, que é um funcionario muito zeloso e sabedor.

O ACORDAR

Com este titulo, e no seu numero de quarta-feira, publicou o nosso collega O Diario, de Lisboa, em artigo editorial, a moção apresentada pelo sr. Nunes da Matta na Associação dos Lojistas de Lisboa, e approvada pela maioria, sendo os seus considerandos e conclusões finais da ordem seguinte:

Considerando que é necessario sahir d'esta situação embaraçosa, entrando-se de vez n'um caminho de firme, honrado e sério proposito em se applicarem os rendimentos publicos unicamente ás despesas indispensaveis, afim de se equilibrarem os orçamentos do Estado sem recorrer a novos encargos tributarios, que o paiz já não pôde supportar;

Considerando que o actual estado de coisas não pôde continuar sem corrermos o risco de gravissimos prejuizos e de perigosas complicações, em que pôde ser comprometida a ameçada a nossa autonomia administrativa, financeira e territorial;

Considerando que os interesses commerciaes e industriaes que esta collectividade tem por dever zelar e defender, nos termos dos seus estatutos, estão inteiramente ligados a todas estas questões;

Resolve a assembleia geral da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa:

1.º—Encarregar os seus corpos gerentes e as suas commissões de commercio, industria e agricultura de formularem a representação que houver de levar-se ao parlamento contra as disposições onerosas das citadas propostas de fazenda;

2.º—Que os mesmos corpos gerentes e as indicadas commissões promovam a realisacão d'um congresso de delegados de todas as associações do paiz, que pelos seus estatutos a elle possam concorrer, para accordarem na forma de representarem collectivamente, pedindo a execucao do que fica ponderado, isto tantas vezes quantas julguem necessarias para se conseguir a realisacão d'estas medidas de verdadeira salvacão publica.

E, encimando o mesmo artigo, diz mui sensatamente o seguinte:

Só agora é que toda a gente se lembrou de que tinha estado a dormir. Ouviu um grande alarme em Coimbra, protestos que se foram generalizando pelo paiz, de terra em terra. E então accordou. Viu-se carregado de ferros, quer dizer, de imposto; e com os pulsos presos, quer dizer, sem liberdade.

Começou então o protesto, depois de toda a gente esfregar os olhos, aturrido ainda de ter acordado n'um sobresalto. Mas que tem feito toda a gente, se não estirar-se desleixadamente a dormir, de papo para o ar, a tomar o bom calor d'esta sol de Portugal? Conforme, é certo, roida de miseria, mas dormindo e roncando tem estado constantemente.

Quem dorme, dorme-lhe a fazenda—diz-se. E assim nos tem acontecido. Enquanto toda a gente ou quasi toda a gente dormia, os gafanhotos desbastavam-lhe soceadamente as cearas e os lobos desciam lépidos aos curraes.

Agora acordou.

E acordou realmente, embora fosse momentaneamente.

CHRONICA

UMA VIAGEM AO INFERNO

O anno passado, e por occasião da época balnear, fui visitar o meu amigo Ambrosio á aprazivel praja da Costa Nova do Prado.

Não era certamente o prazer de mergulhar pela manhã o corpo nas salgadas aguas do oceano, nem tão pouco de tarde jogar o sollo a 10 réis o passe em casa do velho João do Mar, que ali me levava. Desopillar a figadeira, respirar a pleaus pulmões o ar purissimo da praia, redopiar pelos palheiros da Costa e sobretudo lançar uma vista d'olhos ás graciosas e frescas moreinhas d'Ilhavo, era o meu fim principal.

Antevendo, por isso, dois dias de delicias, passados na companhia do meu amigo Ambrosio, parti d'aqui n'uma bella tarde de verão, e umas vezes a fomos e outras á vella, dei com a minha fragil embarcação em plena praia, ao pôr do sol d'esse dia primaveril.

Entre dois abraços, dois dedos de cavaqueira e meia duzia de voltas á real caninha n'um palheiro do sul e na companhia do meu velho amigo, assim passámos o resto d'esse dia e parte da noite.

Muido e extenuado pela fadiga voluntaria d'essa tarde, deitamo-nos, eu e o Ambrosio no mesmo leito, porque no palheiro não havia outra cama disponível, eram cerca das 11 e meia horas da noite.

Apenas marcava os primeiros compassos do meu eterno ressonamento de assobio, quando ouvi distinctamente tres leves pancadas na porta do quarto.

Levantei-me e fui abrir. Mas fiquei tranzido de terror quando junto de mim vi o vulto d'um meu velho e inseparavel amigo d'infancia, que tinha fallecido, talvez, ha uns dois annos.

— Não te assustes, me disse elle batendo-me levemente com a descarnada mão sobre o hombro, não te assustes. Venho unicamente cumprir aquillo que te prometti. Deves lembrar-te do que te disse muita vez, antes do meu corpo baixar á fria terra: *nem mesmo depois da morte nos separaremos.*

Em cumprimento da minha palavra aqui estou a visitar-te, e ao mesmo tempo sempre desejo saber se de mim precisas alguma coisa.

Estas palavras fizeram com que eu recobrasse algum alento, e por fim, fazendo um violento esforço sobre mim mesmo, retorquii-lhe:

— Não... amigo, não, não preciso nada de ti. O que muito estimei foi tornar-te a vêr, apesar do susto que me mettes-te. Há dois annos que te choro a ti, e ha muitos mais que choro amigos tambem dedicados que desapareceram da face da terra. Se estivesse na tua mão o eu ter a ventura de os vêr, era esse o maior favor que me poderias dispensar.

— Se é só esse o teu desejo, segue-me e tem animo.

E attrahido por aquelle phantasma como a leve agulha de ago o é pelo poderoso iman, seguiu-o sem vacillar nem tão pouco avaliar os perigos a que me ia expôr.

Caminhámos por longo tempo sem trocarmos sequer uma palavra.

Parecia-me que subia montanhas, as descia, saltava riachos, emmaranhava-me em florestas, até que emfim, em nossa frente, se divisono um vasto campo de areias avermelhadas e fumegantes.

Mais meia duzia de passos e ergue-se deante de nós como que uma enorme fortaleza, tendo ao centro um grande portico, chapeado de cobre e cravejado de prégos com largas e salientes cabeças do mesmo metal.

— E' aqui, me disse o meu amigo L. E, ao fim de tres pancadas que resoaram dentro como se fosse em ampla Sé, veio-nos abrir a pezada porta um velhinho de barbas já grisalhas e a cabeça nua como queijo da Serra da Estrelha. Era S. Pedro, o chaveiro. E depois do meu amigo L. trocar algumas palavras com elle, palavras que os meus profanos ouvidos não perceberam, fomos introduzidos lá para dentro.

Demos mais alguns passos e começámos a subir uma grande escadaria que me pareceu interminavel.

Por fim, percorremos salas, corredores e parques, até que finalmente chegámos a uma especie de fabrica, pelas marteladellas constantes e ruidos, secos e desencontrados que se ouviam lá dentro.

— Que é isto? lhe perguntei eu.

— E' o purgatorio. Aqui estão alguns dos teus velhos amigos, que tu vaes vêr, sem contudo lhes poder fallar.

Escalados, como em grande fabrica de ceramica, estavam milhões de individuos, cada um empregado no seu mister.

O primeiro que se nos deparou era um janota de fresca data, todo dado a requiebro, luneta na mão esquerda e na direita empunhando a badine, sarcotocava-se constantemente de um lado para o outro.

De vez em quando, apparecia a uma janella que ficava ao fundo, um typo gentil de mulher, e elle approximava-se então todo lépido, enquanto ella desaparecia como por encanto.

— Que andam aquelles sujeitos a fazer? perguntei.

— Aquelle janota passou toda a vida a conquistar mulheres e aquella mulher a conquistar homens. Aquelle castigo a que estão condemnados, ha de durar enquanto houver n'aquelles cerebros um resto de vaidade humana.

Mais adiante, um velhote, com uma rima enorme de ouro sobre uma banca, contava-o e recontava-o ávidamente, lançando crispções pelos olhos e olhares recciosos em redor de si.

De vez em quando parava como que cansado, e gritava: *fome, fome, tenho muita fome.* Abria se então um alcapão e por elle apparecia um pequeno diabinho com uma bandeja nas mãos e sobre ella um prato de comida fumegante.

— Aqui tens.

— Quanto custa?

— Cem mil réis.

— Antes quero morrer de fome, mas roubares-me o meu rico dinheirinho é que não.

E enquanto elle se deitava sobre o dinheiro, como desconfiado que lh'o levassem, desaparecia pelo mesmo alcapão o pequeno diabinho.

— Aquelle desgraçado, me disse L., todos os dias morre moralmente á fome, porque não quer gastar cem mil réis n'um prato de comida.

Assim foi enquanto andou lá pela terra. Rico como um Ceresus, morreu de fome em casa para não gastar dinheiro. E o seu tormento ha de durar até que se capacite de que o dinheiro só lhe serve de tortura.

Mais adiante, era um padre no confissionario eterno, que se virava para um lado confessando uma tambem eterna beata, e para o outro excommungando os pedreiros livres; uma mulher casada perguntando eternamente ao marido, de onde vinha ou para onde ia; um padreiro amassando, com o suor do seu rosto, farinha de trigo de mistura com kaolin e serra dura de madeira; um taberneiro misturando em vinho tinto pau de campeche, baga de sabugueiro, sangue de boi, etc., etc.

Enfim, um purgatorio infernal. E depois de percorrermos essa immensidade de salões, entrámos finalmente no inferno. Em grandes caldeiras de agua fervente e em fogueiras enormes, coziam-se e assavam-se como salpicões em panella de caldo, os miseros condemnados ao inferno.

Diabos grandes e pequenos, com rabo de macaco, empunhavam compridas lanças e com ellas espetavam, como se fossem bifés, os desgraçados penantes, para os arremessarem entre gritos de feroz alegria e outros de lancinante dôr, para dentro d'aquellas interminaveis torturas infernaes.

— Fugamos d'aqui, meu amigo, isto é horripilante.

— Não pôde ser, me disse o meu amigo L. Quem aqui vem, tem que se inscrever no livro dos visitantes, e o diabo não tomava isso em grande consideração se o não fizesse.

— Resignei-me.

— Vamos então, mas que seja breva.

Entrámos em uma sala onde haviam humensos diabinhos, escrevendo sobre secretarias, á moda de amanuenses de repartição.

— São escreventes do diabo-mór, me disse L.

Depois de atravessarmos essa fila de escriviniadores, entrámos final-

mente no gabinete particular do diabo-mór. Este era elegante e confortavel, com boas tapeçarias pelas paredes e rico mobiliario em todo o compartimento.

Assentado n'uma rica cadeira de pau preto achava-se o diabo-mór.

— Bom dia cavalheiro, disse-lhe L.

— Bom dia, respondeu bonancheironamente o proprietario das profundas do inferno; o que os traz por aqui?

— Um cavalheiro que deseja inscrever-se no livro dos visitantes do inferno.

A este tempo, e a um signal do diabo-mór, apresentava-me o secretario um grande livro negro e uma magnifica caneta para inscrever o meu nome e naturalidade.

Depois de o fazer, toi-lhe presente e livro. Então, como que tocado por occulta molla, levanta-se, e fitando-me d'alto a baixo, diz-me em voz de estentor assucarado:

— Com que então o cavalheiro é de A...

— Sim, senhor; lhe respondi eu um tanto admirado pela sua estupefacção.

— Ora até que enfim, encontro um visitante da terra do homem a quem mais beneficios devo, d'aquelle que se não cansa de me enviar tantissimas almas para as profundas do inferno!!! Ora ainda bem que tenho quem me leve uma cartinha de reconhecimento para elle e dar-lhe a graçissima nova que hei por bem nomeal-o, em paga de tantos beneficios que lhe devo, diabo-junior cá dos infernos, na alternativa para diabo-mór, para o que tem immensa vocação.

E passeava satisfeitissimo pela sala, esfregando as mãos em ar de summo contentamento.

— Mas quem vem a ser esse feliz mortal? aventurei-me eu a dizer.

— Ainda m'o pergunta quem vem a ser!! Eu sei que o conhece muito bem, pois é conhecido por toda a gente da terra pelas suas innumeraveis virtudes o meu rico e amado frei... Chica.

— Com seiscentos diabos que me ias tirando um olho fora!

Esta exclamação, que eu a principio attribui a ter pisado involuntariamente o rabo do diabo-mór, foi pronunciada pelo meu amigo Ambrosio, ao ter-lhe dado um valente murro n'um olho, quando me voltava para o outro lado.

E acordou-me, o mofo do Ambrosio, sem eu ter sabido quem era o alto protegido do diabo-mór, já com as insignias de diabo-junior.

CESAR AUGUSTO.

A vida de todo o homem consiste em attingir a um fim. Comsiga-o ou não comsiga, deve marchar para elle.

TOLSTOJ.

Febra de Março

Com um dia terrivel de verdadeiro inverno, abriu na passada quinta-feira ao publico este importante mercado.

Um grande lamaçal pelas ruas e largo da feira, junto a interminaveis cargas d'agua que ininterruptamente cahiam do céu, fez com que a concorrência de compradores fosse mais diminuta que nós annos anteriores e que estes mesmo dispersassem em pouco.

Ainda assim, veio bastante gente á cidade. Mais do que o mau tempo fazia prevêr.

Espera-se, entretanto, que outros dias melhores venham com pensar a falta d'aquelles.

Um frade respondeu o seguinte a um individuo que o consultava se devia ou não tomar estado:

Não ha mulher nem homem tão perfeitos, que a um não falte alguma coisa, e á outra muitas.

Se a mulher é generosa, é louca. Se é rica, é orgulhosa. Se é bonita, não se pôde guardar. Se á feia não se pôde viver com ella. Se é intelligente, não é boa para arranjo de casa. Se é honesta, é

ciumenta. Se o marido a fecha, queixa-se. Se a deixa, perde-se. Se raiha com ella, enfada-se. Se lhe soffre tudo, ensuberbe-se. Se lhe não dá diabeiro, furta-o. Se lh'o dá, perde-o. Se o marido está sempre em casa, anda aborrecida. Se elle sae, chora. Se veste com luxo, quer que todos a vejam. Se não veste, alvoroça a casa. Se se lhe mostra amor, despreza-o. Se não se lhe mostra é tudo choro. Se não se lhe faz a vontade, zanga-se. Se se lhe comonica algum segredo, não o sabe guardar.

Se o marido é bom, porque é banana? Se é mau, porque é tyranno?

Finalmente, o bem faz-lhe mal e o mal incommoda-a.

E accrescentou discretamente:

— O melhor é não casar; mas quem pretender casar que não escolha muito, porque quanto mais escolher menos acertará.

Só lhe faltou accrescentar:

— E' por isso, que nós, os coroados, nos não casamos.

A DESORDEM

Um cege, analisando uma pintura, A um surdo disse, baixo: Não está boa! — Um mudo, que era o auctor, com isto asôa, E logo, em alta voz, vingar-se jura.

Vem um doido, e, com fallas de brandura, Tenta a bulha acabar; eis logo sôa Bofetada sem mão que tudo atôa, E começa maior desenvoltura!

Ao ouvir tal barulho e vituperio, Entrevado, que ha annos não bulia, Os corre a pontapés p'ro cemiterio!

Eis surge um regedor que ali jazia, E, reassumindo o antigo ministerio, Praça lhe faz sentar na infantaria.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 1/16.

Libra no Brazil: 19\$896 réis; em Portugal, 5\$630 réis.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminas.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,12 da manhã e 6,29 da tarde.

Nota alegre

Estava uma senhora moça e galante sentada á sombra, n'um dia de verdadeiro calor de verão.

Um janota veio sorratamente sentar-se por traz d'ella no outro banco, mediando entre os dois unicamente a taboa de recosto.

Procurava algum pretexto para encetar conversação, quando um aranhão providencial inesperadamente lh'a deparou trepando pelo chaise da desconhecida.

— Um bicho, minha senhora! Um bicho!

Volta-se a dama para elle sobressaltada, e exclama:

— Não sabia que o tinha aqui tão perto.

CASA

Vende-se uma de dois andares com um pequeno quintal na rua da Sé, dando sahida para a rua de Santo Antonio. Nesta typographia se diz.

que o povo acordou á uma e sem um forte repelão.

Não senhor...

Primeiramente acordou o povo trabalhador, o proletario, o jornalista, o pequeno lavrador e, finalmente, aquelle para quem o magro salario não chega para a tijaella do caldo e por conseguinte, menos para pagar tributos, sellos e licenças.

Acordou esse, e com a voz angustiada pela miseria e o generoso sangue a esparrinhar pelas calçadas da velha cidade coimbrã, ergueu até aos cofins do paiz o verdadeiro grito de revolta, envolto com a ideia da quebra das algemas que arroxiam os pulsos do misero e decadente povo latino.

Então acordaram negociantes, industriaes e proprietarios, lembrando-se com horror dos tributos fabulosos que pagavam, dos desperdícios enormes que se faziam no paiz, e viram, com surpresa, a nossa pobre nacionalidade caminhando dia a dia para a ruina e para o immenso abysmo das nações tuteladas.

Mas acordaria elle realmente de vez? Oxalá que sim, e que a sacudidella não fosse feita a matu dorminhóco, pois parece-nos que este povo, por vicio ou por doença, soffre, no geral, do mal do somno.

PAPELÃO

Um pobre, á porta da Igreja, Pede esmola a um papelão; Este faz que a gente o veja, E dá-lh'a, fechada a mão.

«Enganou se, diz o pobre, «Ha de ter coisa somenos, «Deu-me prata em vez de cobre...» Grita o outro: «Não dou menos».

Melhor o pobre repara, Vê falsos dez réis, e, aos ais, Mostra-lhos; — volta-lhe a cara, E diz-lhe, baixo: «Não dou mais».

JOÃO DE LEMOS.

NO THEATRO

Na passada quarta feira, ultimo dia em que se representava a operetta — *O Beijo da Baroneza* — deu-se ali uma scena pouco edificante por parte d'um dos directores d'aquella casa, que julga ter o rei na barriga.

Lembramos ao sr. director, a quem nos estamos referindo, que todo o espectador, que paga a sua entrada, tem pleno direito de applaudir ou não applaudir qualquer peça que se represente. S. ex.ª julga, porém, que é o todo lo manda d'aquella casa d'espectaculos. Bengana-se. O animo do publico pôde, muitas vezes, sahir dos limites cordatos e s. ex.ª soffrer algum dissabor.

O sr. director só reparou n'um dos cavalheiros que dava tacação para o mandar pôr fóra; mas as outras entidades que faziam o mesmo, essas passaram-lhe desaperecidas! Mas se o cavalheiro que recebeu a indelicadeza dava tacação, não era de certo ao desempenho da peça, mas sim aos bis constantes que os interessados, pouco mais ou menos, desejavam manifestar por condescendência. E nada mais.

Já não é a primeira vez que o mesmo sr. director assim procede. Provavelmente vê muito pouco; ou desconhece o que se passa por esses theatros fóra.

Modere, pois, o sr. director os seus nervos irrequietos, que só é um bem para s. ex.ª, escusando de ser censurado por pessoas estranhas que veem assistir aos espectaculos do *Theatro Aveirense*.

Assim o esperamos, para bem de todos.

Cura do rheumatismo
 O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores ao padecente.
 Envia-se pelo correio para todas as terras.
 Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.
 Depósito pharmacia Miranda
RIO TINTO

VENDA DE CASA
 Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente a igreja do Convento.
 Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.
 Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

LANDEAU
 VENDE SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

Vinho puro de Bucellas
 Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
 Praça do Peixe—AVEIRO
N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAÇOS ALIMENTARES
 VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ARMAZENS
BEIRA-MAR
 DE
MANOEL GONÇALVES MOREIRA
 PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
 R. DOS MERCADORES, 1 A 5
AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)
Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
 Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
 Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
 Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.
 Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
 Flores artificiaes e cordas funerarias.
 Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MINERVA
 Nesta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão.
 Escrever carta mencionando preço.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820
 Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época
ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como eles lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria
 Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
 Cada vol. brochado... 1:500 >
 Obra completa (4 vol) 6:000 >
 A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.
 Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.
EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

HORAS ROMANTICAS
 Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.
QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.
SENHOR EU, de Farina.—1 vol.
Cada volume, 100 rs.
 Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO
 Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
 Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.
Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
 Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
 Extrahе, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Cathecismo Moderno (ILLUSTRADO)
 Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.
Preço 50 réis
 A venda na Livraria Elysis —Rua Formosa, 282 PORTO

COSINHA PORTUGUEZA OU ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS
 (Producto reservado a um fim patriótico e piedoso)
2.ª edição, muito melhorada

Contém—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Prezeitos diversos.
 795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35); 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compostas e conservas, 54; Doces de chá, 155.
 —Total, 795.
 A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartongem, 700. Idem 760 réis.

O DILUVIO
 Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se nesta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.
 A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores
Preço, 300 réis
 Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
 Successora da antiga casa David Coraes
Viagens Maravilhosas
 Coroadas pela academia franceza
A CARTEIRA DO REPORTER
 POR **JULIO VERNE**

SIGAMOL-O!
 Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido demais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.
 Trad. de EDUARDO NORONHA
 Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.
Preço 500 réis
 A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA ACREDITADA FABRICA
"PFAFF,"
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
 São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
 A machina «PFAFF» para alfaiates.
 A machina «PFAFF» para modistas.
 A machina «PFAFF» para sapateiros.
 A machina «PFAFF» para seleiros.
 A machina «PFAFF» para correiros.
 A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a ralua de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.
 Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS

O FOGO
 Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.
DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100
 Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ROLÃO PALMA
ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe AVEIRO

SEM DOGMA
 Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do
QUO VADIS?
 tradução de EDUARDO DE NORONHA
300 rs. cada volume 300
 A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
 POR **JOÃO DE MENEZES**
 A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79